

GT 06: NARRATIVAS DE VIDAS: SABERES, SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO

MINHA HISTÓRIA DE VIDA COM A LEITURA

Verilma Valeriano dos Santos
URCA - UDMV
vera-0123@outlook.com

Prof. Ma. Paula Perin (Orientadora)
UFC/URCA
paula.perin@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar a minha trajetória de vida no mundo da leitura. Adotamos o método (auto)biográfico e a pesquisa bibliográfica como metodologia para desenvolvimento deste estudo. Como embasamento teórico, utilizo as contribuições de Freire (1989), Villardi (1999) e Vygotsky (2000). As reflexões empreendidas neste estudo nos permitiram observar que, o leitor se forma a partir de diversos fatores, a saber: da influência familiar, do convívio com os livros em casa, na escola e na sociedade, como também pela presença de um bom mediador de leitura, que motive, instigue e que, acima de tudo, seja de fato um leitor por gosto, não por necessidade. A combinação desses fatores pode contribuir para a inserção do indivíduo na sociedade letrada.

Palavras-chave: Memorial. Leitura. Trajetória. Narrativas de vida.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo relatar minha história de vida como leitora. A ideia surgiu na disciplina de Oficina de Literatura Infantojuvenil, no curso de Letras na Universidade Regional do Cariri, Campus Missão Velha - CE. A proposta da atividade era apresentar uma narrativa oral sobre nossas experiências com a leitura, desde o contato com as primeiras letras até a escolha profissional pelo curso de Letras e a nossa relação com a leitura na vida acadêmica.

Narrar a própria história é sem dúvida muito importante, pois nos faz lembrar, buscar lá no fundo do baú acontecimentos esquecidos, mas que quando trazidos à tona podem ser lembrados, revividos e ressignificados, servindo, inclusive, como material para pesquisas acadêmicas.

Como embasamento teórico, utilizo as contribuições de Freire (1989), Villardi (1999) e Vygotsky (2000). Tais autores tratam, sobretudo, da leitura, da formação de leitores e da influência familiar na formação do leitor.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: começando com uma pequena reflexão, seguindo por uma identificação pessoal, como iniciou a minha vida escolar, desde a infância até atualidade, família, as dificuldades em adquirir os primeiros livros, os intervalos na minha vida de estudante e durante a faculdade até a disciplina de oficina infanto-juvenil.

3 RESULTADOS E DISCURSSÃO

Ao escrever este trabalho, pude reviver lembranças adormecidas, mesmo que muitas vezes sejam dolorosas. Segundo Freire (1989), é enriquecedor mergulhar e relembrar momentos que estão guardados na memória, expor as experiências de uma infância, de uma adolescência, de uma juventude, de um percurso de formação e em relação ao mundo da leitura, pois nos permite refletir o sobre nossa trajetória e construir sentidos sobre nossa existência. De acordo com o autor,

[...]Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti lesado- e até gostosamente- a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas a minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim (FREIRE, 1989, p. 9).

Sou natural do Juazeiro do Norte - CE, mas atualmente resido na cidade de Missão Velha - CE, onde curso o VIII semestre de Letras, na Universidade Regional do Cariri. Neste estudo, relato as minhas experiências com a leitura, desde a alfabetização.

Aos cinco anos de idade comecei a frequentar a creche, porém não sabia ler, já que na creche as crianças só brincam e fazem desenhos para desenvolverem a sua coordenação motora, mas os desenhos não deixam de mexer com a imaginação da criança, toda criança que não sabe ler faz a sua leitura imaginária. Através dos desenhos, elas podem contar várias historinhas e de formas diferentes, e comigo não foi diferente, esse tipo de leitura que é algo que nunca sai de moda, e está sempre presente na vida das crianças.

O meu contato com a escola regular, nos anos iniciais, aconteceu um pouco tarde. Somente aos doze anos entrei na Escola Major Felipe Gomes Ribeiro, na primeira

série, na turma da manhã, porém passei poucos dias, pois a coordenação me transferiu para tarde para outra série, justificando que eu já estava fora da faixa etária.

Eu continuava sem saber ler. Recordo-me que a professora Maria sempre pedia que a gente fizesse cópias de alguns textos. E como era muito tímida, tinha vergonha de tirar as dúvidas. Por isso, fazia a cópia de todo jeito, ou seja, copiava tudo errado, e acabava me prejudicando e tirando notas baixas. Lembro-me de eu admirava alguns adolescentes que moravam na mesma rua que eu, pelo fato de observá-los indo para a escola, eles cursavam o Ensino Médio. Eu ficava me questionando, imaginando se algum dia eu teria essa oportunidade. Eu sempre ficava embaixo de uma árvore próxima a casa deles, esperando uma das meninas sair na calçada para que ela me auxiliasse em alguma atividade da escol. Usava o chão como quadro e restos de material de construção como giz para escrever. Ali eu me distraía horas a fio rabiscando letras, sílabas e palavras aleatórias.

Minha família não tinha como me auxiliar nas tarefas escolares, pois os meus pais não sabiam ler o suficiente para me ajudarem em determinadas necessidades escolares. Sabe-se que a presença da família é, sem dúvida, fundamental para a formação de um bom leitor, pois é através do incentivo dos familiares, das leituras imaginárias que os pequenos fazem nas gravuras dos livros infantis, em muitos casos até como ouvintes de histórias contadas pelos parentes, aí que começa a ser plantada a semente do gosto pela leitura. Entretanto, nem toda família teve acesso à educação, ficando essa tarefa delegada apenas à escola.

O estímulo à leitura deve ocorrer não somente na sala de aula, como também no contexto familiar, uma vez que a família é a base para a formação do ser humano. A criança aprende e se desenvolve com o meio em que está inserido, caso não haja interesse pelos pais, os filhos também terão dificuldades em despertar interesse pelos livros (VYGOTSKY, 2000, p. 58).

Os poucos livros a que tive acesso na infância foram contos de fada, como “*Rapulzel*”, que era a minha favorita. Esse acesso só era possível visto que eu prestava favores à esposa do meu tio que trabalhava na casa de um professor e este doava livros para ela, e assim ela me emprestava como forma de retribuição ao favor prestado.

Esses livros muitas vezes vinham rasgados, faltando algumas páginas, o que acabava me deixando saber o que tinha nas páginas seguintes, mas graças a eles que eu consegui me alfabetizar, e também alfabetizar algumas crianças, inclusive os próprios filhos da esposa do meu tio. Nesse período, passei a ministrar aulas particulares. Eu

amava ensinar crianças. Era uma enorme satisfação ver uma criança lendo as primeiras palavras pela primeira vez. Aqueles que não tinham condições de pagar, eu tinha o maior prazer de alfabetizar gratuitamente. Não tem nada mais gratificante do que o reconhecimento de alguém, e saber que fizemos parte da construção de um sonho de pessoa em sua vida escolar.

Sabe-se que a sociedade muitas vezes não perdoa se uma criança chegar a uma determinada idade e não sabe ler. Logo vem o questionamento junto com uma resposta: “uma criança dessa idade e não sabe ler? Pois o meu filho já sabe ler e escrever!”. Nunca se questiona o porquê dessa criança, desse adolescente, desse jovem, desse adulto não saber ler. Por trás desse analfabetismo, existem vários fatores que devem ser levados em consideração antes de se fazer um prejulgamento.

Lembro-me de ouvir de uma senhora, certa vez, que uma pessoa pobre não precisava saber ler, só precisava aprender a assinar o seu nome que já seria uma grande coisa. Infelizmente, essa mentalidade faz com que muitas pessoas vivam à margem da sociedade, sem acesso aos bens culturais presentes e necessários à inserção do indivíduo na sociedade letrada. Por ironia do destino, tempos depois esta mesma senhora que requisitou para ler e escrever as cartas para os filhos dela que moravam fora. Em outra ocasião, participei de um concurso de redação, e é com muito orgulho que guardo a medalha por ter vencido o concurso, que envolvia escolas públicas e privadas.

Não me recordo de nenhuma leitura específica no ensino médio, sei apenas que continuei sempre lendo rotineiramente. Durante os anos entre o ensino médio e o superior, passei a dedicar meu tempo na leitura da Bíblia e de algumas histórias bíblicas mais conhecidas a partir de um livro que me foi emprestado.

Nesse período, passei a frequentar um cursinho pré-vestibular. Tive dificuldade nos assuntos ministrados e também no acesso aos conteúdos por falta de material didático. Na época, o acesso à tecnologia era mais difícil, não havia tanto conteúdo disponível na *Internet* como vemos nos dias de hoje.

Na universidade tive contato com diferentes tipos de leitura, não somente literária, como também acadêmica. A leitura é o principal meio de acesso ao conhecimento no universo acadêmico. Tenho ainda certa dificuldade de compreender alguns textos da área, em especial livros teóricos ou artigos científicos. Gosto mais de ler narrativas, dentre as quais destaco as seguintes obras literárias: “*O Seminarista*”, de Bernardo Guimarães; “*Iracema*”, de José de Alencar; “*O Cortiço*”, de Aluísio Azevedo; “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, de Machado de Assis, entre outras obras.

Como diz Villardi (1999), a leitura vai muito mais além de que um conhecimento. É preciso ensinar o aluno a se emocionar, a sentir gosto de ler, e assim descobrir na leitura novos sentimentos, às vezes até sentimentos desconhecidos. Para isso, é necessário que o professor proporcione momentos de interação e reflexão entre aluno e leitura.

Ensinar a gostar de ler é exatamente isso: é ensinar a se emocionar com os sentidos e a razão, porque para gostar apenas com os sentidos, não há necessidade da interferência da escola; e, para isso, é preciso ensinar a enxergar o que não está evidente, a achar as pistas e a retirar do texto os sentidos que se escondem por detrás daquilo que se diz. (VILLARDI, 1999, p. 37)

Nessa disciplina de “Oficina de Literatura infanto-juvenil”, pude ter contato com os mais diversos textos destinados ao público infanto-juvenil. Essa experiência tem nos proporcionado transitar num universo de livros encantadores. São narrativas que faz qualquer leitor viajar e sonhar. Além das leituras, estamos tendo a oportunidade de criar contos infantis. Com isso, além de ampliar nosso repertório enquanto leitor, podemos vivenciar nosso potencial criativo.

Enfim, meu contato com a leitura foi um pouco conturbado, com dificuldades de acesso ao universo letrado, com intervalos, pausas que a vida às vezes nos presenteia e a gente não tem como dispensar esses presentes. Contudo, em nenhum momento acabei desistindo do mundo das letras. Prova disso é que hoje estou aqui fazendo uso da escrita, narrando minha experiência com a leitura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, empreendi a tarefa de relatar minha experiência de leitura ao longo dos anos da minha vida escolar, iniciando ainda que tardia, mas que, com muita dificuldade, pude chegar ao ensino superior. Desde os anos iniciais, tive dificuldade de acesso aos livros e, apesar de a leitura não fazer parte da rotina familiar, considero-me hoje como uma leitora em formação.

As reflexões empreendidas neste estudo nos permitiram observar que, transportar para o papel a experiência de uma vivência com universo literário é um modo não só de reviver um passado, mas de ressignificá-lo, no sentido de abstrair valores, sentidos e atitudes necessárias para a formação de um leitor.

Neste sentido, destaco que o leitor se forma a partir de diversos fatores, a saber: da influência familiar, do convívio com os livros em casa, na escola e na sociedade, como também pela presença de um bom mediador de leitura, que motive, instigue e que, acima de tudo, seja de fato um leitor por gosto, não por necessidade. A combinação desses fatores pode contribuir para a inserção do indivíduo na sociedade letrada.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

VYGOSTKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.